

LEITOR-AUTOR: O SUJEITO CONSTRUTOR DE SENTIDO

READER–AUTHOR: THE SUBJECT THAT BUILDS MEANING

Adriana Pastorello Buim ARENA¹

RESUMO

Diversas formas de ler e escrever foram geradas pelo homem no decorrer da história e continuam em constante processo de transformação, porque os homens criam instrumentos e realizam representações que são mediadoras de significados em cada época e cultura. O homem criou um novo suporte de texto, o hipertexto, que provocou mudanças no meio social. Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo discutir como a tecnologia pode transformar o modo de operar e de pensar do leitor do século XXI, diluindo fronteiras rígidas entre autor e leitor que tradicionalmente são entendidos como opostos.

Palavras-chave: Hipertexto. Linguagem. Sujeito Leitor-Autor.

ABSTRACT

Man created many ways read and write throughout history and continues to do so in a constant process of transformation; men create instruments, and represent them as mediators of meaning in time and culture. Man has created a new text support, the hypertext, which spawned changes in our social environment. In this context, the present article aims at discussing how technology can transform the 21st century's readers' mode of thinking by eliminating the borders between author and reader, who were traditionally thought of as opposites.

Keywords: *Hypertext. Language. Subject Reader-Author.*

INTRODUÇÃO

Heráclito, filósofo que viveu em 500 aC., concebia o próprio absoluto como processo,

como a própria dialética. Ao dizer que “nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos” (HERÁCLITO, 1991, p.56), apresenta o *devenir* como a condição humana. O

¹ Professora, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila, 2121, *Campus Santa Mônica*, 38400-902, Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: <adriana@faced.ufu.br>.

rio corre e empurra a água para longe trazendo outra e o homem, que nele está, se transforma com tanta rapidez e intensidade quanto à correnteza do rio. Assim, a essência do homem e da natureza é a mudança, o constante processo em que tudo está. Com essa afirmação Heráclito retirava “do universo a tranqüilidade e a estabilidade, [...] e atribuía movimento a todos os seres” (HERÁCLITO, 1991, p.49). Eu diria que esta é uma afirmação carregada de sentido em pleno século XXI.

É possível perceber um movimento constante, em diversos aspectos, do meio em que vivemos. Um exemplo disso são as novas tecnologias que desorganizam e reorganizam a vida de todos. Pela simples observação empírica, do senso comum, podemos perceber como o conhecimento humano influenciou o desenvolvimento da máquina e como a máquina contribuiu para a criação de uma nova organização social. Segundo Lévy (1993), a tecnologia influencia a forma de pensar. Para clarear e compreender esse fenômeno de relação entre pensamento influenciando a tecnologia e a tecnologia influenciando o pensamento, é preciso centrar o foco de investigação nas relações entre sujeitos e entre sujeitos e máquina. Para Orlandi (1988), o sujeito se define historicamente e as relações do sujeito com a linguagem são diferentes de acordo com o tempo histórico em que o sujeito vive, porque os processos são complexos.

Tendo este artigo o objetivo de pensar os conceitos de leitor e autor no contexto da nova tecnologia, a internet, necessariamente a linguagem terá papel de destaque, porque sofre transformações nos diferentes suportes em que é encontrada e molda o sujeito leitor-autor. Segundo Bakhtin (1988), a forma mais eficiente de esclarecer um objeto de pesquisa é observá-lo no momento de sua formação e de seu desenvolvimento. No decorrer da exposição das ideias será considerado o meio e o sujeito como um devir, possibilitando o reconhecimento da realidade como contraditória e em permanente transformação. Para fins didáticos será dividido em três itens. O primeiro apresentará o conceito

de linguística, a linguística da enunciação apresentada por Bakhtin (1988), e a formação do sujeito. O segundo tratará diretamente dos conceitos de sujeito leitor de hipertexto. E, por fim, apontamentos sobre a discussão do sujeito leitor-autor em relação à hierarquia das informações na internet.

LINGUAGEM EM PROCESSO

Bakhtin (1988) elabora uma concepção dialógica da linguagem a partir de uma crítica radical a outra corrente também de sua época, a concepção de língua de Saussure. Traz enorme contribuição para pensar a linguística sob uma perspectiva diferente daquela apresentada no tempo em que viveu. Insatisfeito com os conceitos reinantes, principalmente os saussurianos, constrói sua concepção de linguagem a partir de uma crítica radical às grandes correntes da Linguística, por considerar que essas teorias não entendem a língua como um fenômeno social. As teorias linguísticas conhecidas até então são agrupadas por ele em duas grandes correntes: o *objetivismo abstrato*, representado principalmente pela obra de Saussure, que reduz a linguagem a um sistema abstrato de formas, e o *subjetivismo idealista*, que a considera enunciação monológica isolada, representado em especial pelo pensamento de Humboldt. Bakhtin (1988) submete essas duas correntes a uma rigorosa crítica, por considerar que a redução da linguagem a um sistema abstrato de formas ou à enunciação monológica isolada constitui um obstáculo à apreensão da natureza real da linguagem como código ideológico. Bakhtin (1988, p.95) prioriza que:

[...] na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com o sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. [...] Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras,

coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.

Segundo o autor, não se pode separar a linguagem de seu conteúdo ideológico ou vivencial, já que ela se constitui pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação, resultante do diálogo, seja este de caráter oral ou escrito. O sentido do enunciado se dá pela compreensão ativa entre os sujeitos, ou seja, é o efeito da interação dos interlocutores. Para Bakhtin (1988), todo enunciado tem um destinatário, entendido como a segunda pessoa do diálogo. A atividade mental do sujeito e sua expressão exterior se constituem tendo o social como referência, portanto, toda enunciação é socialmente dirigida. É no fluxo da interação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que surge. O conceito-chave da concepção de linguagem em Bakhtin é a interação verbal, cuja realidade fundamental é o seu caráter dialógico. Para o autor, a linguagem não pode ser vista como um sistema fechado, construído, acabado, porque se assim fosse não haveria espaço para as pessoas desenvolverem a si próprias e ao mundo, porque:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa operar [...] Os sujeitos não “adquirem” a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1988, p.108).

Por isso, a reflexão linguística bakhtiniana é uma abordagem histórica e viva da língua, incompatível com a reflexão feita pela gramática tradicional que desconsidera a enunciação e o contexto em que a linguagem ocorre, para apoiar-se somente na enunciação isolada, fechada e monológica.

Alguns estudiosos da linguística fazem uma aproximação da concepção de linguagem apresentada por Bakhtin (1988), entre eles, Geraldi (1993). Para ele, a interação verbal é o lugar da produção da linguagem e da evolução dos sujeitos, porque se apropriam da linguagem ao usá-la “segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem a cada vez a (re)constrói” (GERALDI, 1993, p.6). Na verdade, o sujeito se completa e se constrói em falas inseridas em um contexto social e histórico. Sendo assim, não poderia ser a prática do ensino da leitura e da escrita desvinculada do contexto real em que a criança vive, mas, segundo Geraldi (1993), deveria considerar três eixos importantes em relação a sua própria natureza: a historicidade da linguagem, o sujeito e suas atividades linguísticas e o contexto social. Para ele, “é exercendo a linguagem que o aluno se prepara para deduzir ele mesmo a teoria de suas leis” (GERALDI, 1993, p.120). É consenso que a aprendizagem da criança no período escolar está fundamentalmente ligada ao seu conhecimento de mundo. Pensar a leitura e a escrita como processos de decodificação do código linguístico seria limitar o ensino às questões de gramática normativa da língua. O professor, ao lidar com textos, prioriza neles o estudo de ortografia e gramática, gerando apatia, e até mesmo rejeição pelo objeto de estudo.

Ao contrário disso, Geraldi (1993) discute o ensino da língua como interação imediata e acessível de significados e sentidos, pois, sem essa interação, haveria acesso restrito ao conhecimento, caminhando-se para o fracasso na aprendizagem escolar. Segundo este autor uma das causas que levam a esta prática talvez seja a concepção de ensino como um rol de tarefas estáticas com receitas pré-fabricadas e que se adequam a diversas situações. Seguir as instruções de um manual do professor, dar aulas lidas, distribuir e corrigir folhas de exercício e fazer planos rotineiros que sirvam de um ano para outro parece muito fácil e menos arriscado do que elaborar propostas de trabalho que

envolvam estimulação para a efetiva compreensão de textos. Esta visão estreita de ensino implica práticas simplificadoras que não trazem bom resultado e, o que é pior, não gera situações de leitura e escrita para o aluno. O aluno não se apropria da linguagem e não entra no fluxo de transformação da linguagem e, ao mesmo tempo, no seu próprio processo de evolução intelectual.

Outro importante pensador russo, Vigotsky (2001) assim como Bakhtin (1988) e Gerald (1993), também enfatizava a língua como instrumento de socialização, estudava a psicologia do conhecimento, as propriedades cognitivas do homem e os meios criados pela história cultural para a formação deste ser humano. Sua pesquisa voltou-se para a palavra (sua significação e sentido). De Pavlov, com seus reflexos no comportamento, passou para os princípios do marxismo, ressaltando a consciência como parte do comportamento, do sentido dado pelo mundo sócio-cultural. E aí entram em destaque as considerações de Vigotsky em relação às significações da história e da cultura para a formação da consciência e do ser como interpessoal e social.

Yarochevsky (1989) aponta que Vigotsky procurou elaborar seus estudos de forma a apresentar a palavra não só como uma categoria linguística, mas também psicológica, com estágios de desenvolvimento da significação para dar sentido às coisas e, como uma unidade própria da consciência. O sentido exprime a experiência vivida pelo ser humano com um intercâmbio motivacional com o mundo que foi criado pela vontade deste ser. Vigotsky (2001) considerava a palavra com toda sua gama histórico-cultural e social; como fenômeno psicológico que abrange emoções e motivações em experiências vividas; como um sistema integrado que leva à compreensão de nossa vivência, de nossas raízes culturais e sociais; da dialética do pensamento deste ser mergulhado no universo sócio-cultural, que é o homem.

Vigotsky (2001) em sua obra *A Construção do Pensamento e da Linguagem*, mais especificamente no capítulo *Pensamento e Palavra*, argumentou que pensamento e palavra

são elementos diferentes, com propriedades diferentes, mas que se relacionam dialeticamente entre si, interferindo no processo de significação de um e de outro.

Para exposição de sua teoria, destacou as relações entre as diferentes modalidades de linguagem e as relações entre palavra, sentido e significado. Partiu de algumas premissas a respeito da relação pensamento e palavra. Defendeu a tese de que a relação entre pensamento e palavra não é uma coisa “mas um processo, é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento” e que o “pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza” (VIGOTSKY, 2001, p.409). Afirmou que a linguagem não espelha a estrutura do pensamento nem serve como expressão de um pensamento acabado, porque “ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra”. (VIGOTSKY, 2001, p.412).

As relações entre palavra, sentido e significado discutidas por Vigotsky (2001, p.465) têm apoio nas ideias de um estudioso citado por ele: Paulham. As categorias sentido e significado não seriam a mesma coisa porque:

O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso, e ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata.

Para Vigotsky (2001, p.479), o pesquisador russo o pensamento é recriado em palavras; não coincide com a palavra, nem com seu significado, mas a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado e por trás do pensamento haveria sempre necessidades, pendores, interesses, afetos e emoções, porque “por trás do pensamento existe uma tendência

afetiva e volitiva”. Os motivos fazem nascer pensamentos e a apropriação do conhecimento é subjetiva.

Diante das teses apresentadas podemos concluir que cada pessoa tem certo horizonte social definido que orienta a sua compreensão e a coloca diante de seu interlocutor como uma forma de relacionamento. O sujeito se faz pelo outro. Ressaltamos que neste artigo temos o objetivo de investigar as questões que envolvem a formação do sujeito leitor-autor de “textos virtuais”. Iniciamos com a tese de Lévy (1993): a tecnologia influencia a forma de pensar. Consideraremos a tecnologia um *outro* com quem o sujeito se relaciona e que, portanto, o pensamento do sujeito é influenciado pela tecnologia e a tecnologia é influenciada pelo pensamento. Ambas em um movimento dialético ininterrupto.

Para continuar essa discussão, o leitor deste texto deve considerar os conceitos de linguagem e de sujeito até aqui abordados. Agora passaremos a discutir não mais a relação entre sujeitos, mas, especificamente entre sujeitos e tecnologia, para que assim possamos chegar a alguns apontamentos sobre a formação do leitor-autor no mundo virtual.

A RELAÇÃO LEITOR-AUTOR E O CONCEITO DE HIPERTEXTO

Segundo Eisenstein (1998, p.19), temos acesso a pesquisas que descrevem o processo que o material escrito sofreu na história da humanidade, mas há poucos registros de como as diferentes produções dos materiais escritos afetaram “as maneiras de aprender, de pensar e perceber das elites letradas”. Para a autora, não basta examinar a nova tecnologia, mas estudar as condições que existiam antes do emprego da tecnologia em questão. Temos muita descrição de como a imprensa surgiu e como foi se desenvolvendo ao longo dos tempos, mas não temos material em abundância que trate das mudanças ocorridas na forma de pensar daquele

povo que recebia o impacto da imprensa. Referimo-nos à era do manuscrito e à era da internet. Ainda hoje temos materiais que descrevem bem a máquina que possibilita o uso da internet, mas conhecemos pouco como essa nova maneira de ler afeta a vida das pessoas do século XXI. Sabemos que quando o leitor está familiarizado com um determinado tipo de texto, por exemplo, jornal, conhece suas peculiaridades como manchetes, título, olho, legenda, notícia, paginação, entre outros, que poderá manipular qualquer jornal, seja ele de grande ou pequena circulação, até mesmo em outra língua desconhecida. Ler textos em diferentes suportes não pode ser considerado algo prejudicial ao leitor em processo. Segundo Lévy (1993, p.15):

O cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto que as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida. Alguém que condena a informática não pensaria nunca em criticar a impressão e a escrita (que são técnicas!) o constituem em demasia para que ele pense em apontá-las como estrangeiras. Não percebe que sua maneira de pensar, de comunicar-se com seus semelhantes, e mesmo de acreditar em Deus são condicionadas por processos materiais.

Eisenstein (1998) recupera as condições pelas quais passa a mudança da cultura escrita pelas mãos, quando aparece o tipo gráfico. Quanto ao processo de reprodução, não é possível usar termos de comparação, porque a impressão mudou radicalmente a possibilidade de tiragem do material, assim como a internet facilitou a disseminação da informação no espaço e no tempo. Mas é possível elencar uma série de mudanças no comportamento, não só do indivíduo em particular, mas da ação coletiva. Ainda com Eisenstein (1998, p.25), sabemos que antes da imprensa os livros eram copiados por monges e mesmo depois dela, “monges não deviam parar de copiar devido à invenção da imprensa”. E ainda, “[...] a decisão sobre os tipos de letras a

usar, a seleção das iniciais e a decoração das rubricas, a determinação do comprimento e largura de cada coluna, o planejamento das margens [...] tudo estava predeterminado pela cópia manuscrita precedente” (p.36). Como vemos, a chegada da nova tecnologia não mudou repentinamente o modo de operar e de pensar dos editores e leitores da época. Continuavam empregando o padrão conhecido da tecnologia do manuscrito. A velha tecnologia ainda influenciava a nova. Mas, também por outro lado, a nova técnica envolvia novas formas de trabalho e de relações entre sujeito, máquina e produto, modificando, ao longo do tempo, não somente a forma de apresentar um texto escrito, mas toda uma organização social. Segundo Goody (1988, p.47):

No fim de contas, a cultura não é senão uma série de actos de comunicação; e as diferenças no modo de comunicação são freqüentemente tão importantes como as diferenças no modo de produção, pois envolvem progressos na possibilidade de armazenagem, na análise e na criação de conhecimento, assim como as relações entre os indivíduos envolvidos.

Para Goody (1988) e Eisenstein (1998), a tecnologia criada pelo próprio homem, quando se refere aos meios de comunicação, exerce influência especificamente nos modos de pensamento da sociedade em questão. Assim como “antes do aparecimento da escrita, a maior parte dos pensamentos que nos habituamos a ter nos dias de hoje não poderiam simplesmente ser pensados.” (GOODY, 1988, p.128), podemos dizer que junto com a nova configuração técnica, a internet, “um novo estilo de humanidade é inventado.” (LÉVY, 1993, p.17).

Que “novo estilo de humanidade” é esse no qual professores, pesquisadores e alunos estão mergulhados? Todos, ao mesmo tempo, sofrendo as transformações no modo de pensar? Da

mesma forma que um dia o impresso foi utilizado com as mesmas estratégias que usavam para o manuscrito, podemos empregar as mesmas estratégias do material impresso na tela. Pelo fato de não deter o conhecimento do processo em sua complexidade e a falta de habilidade em usar a nova tecnologia, por vezes rejeitamos o material. Mas esse comportamento também fora relatado no século XV, quando o impresso surgiu. Segundo Chartier (1999, p.9),

De modo geral, persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos “mecânicas” e nas práticas do comércio. Manteve-se também a figura daquele que na Inglaterra do século XVIII se chamava de *gentleman-writer*, aquele que escrevia sem entrar nas leis do mercado, à distância dos maus modos dos livreiros-editores, e que preservava assim uma cumplicidade muito forte com os leitores.

Ler em vários suportes, seja ele impresso ou eletrônico, é a realidade do século XXI. E, possivelmente, os leitores estejam transferindo estratégias de ler o impresso para ler o hipertexto eletrônico. Segundo Lévy (1993, p.29), a ideia de hipertexto foi anunciada pela primeira vez por Vannevar Bush em 1945. Somente nos anos 60 do século XX é que Theodore Nelson inventou o termo hipertexto “para exprimir a idéia de escrita/ leitura não linear em um sistema de informática”. No *VI Festival Internacional de Linguagem Eletrônica*; em 31 de outubro de 2005, Nelson, em visita ao Brasil, disse, durante uma entrevista para o jornal *Folha de S. Paulo*, que “os tecnólogos seqüestraram o conceito de hipertexto e criaram algo que não tem nada a ver com ele” (FORTALEZA, 2005, p.E1). Compartilha com Chartier, quando faz a crítica de que os novos tecnólogos repetem o *design* do papel na tela e essa não era sua proposta quando pensou no hipertexto como uma maneira não linear de

leitura. Nelson, ao apresentar sua nova proposta a de “transliteratura” diz:

Há milhares de maneiras de colocar as coisas na tela, mas todos - Macintosh, Microsoft, Linux - copiam o formato retangular e a hierarquia do papel. [...] A transliteratura é um sistema de fonte aberta, onde é possível remixar e recombinar qualquer coisa, sem problemas com copyright. (FORTALEZA, 2005, p.E1).

Como vimos, o processo de mudança está ocorrendo. Fazemos parte desse processo e por isso não conseguimos recortar o objeto de discussão, apontado neste artigo, como pede um modelo positivista de Ciência. O pesquisador lida com o objeto sabendo de sua natureza mutável. E o objeto de reflexão deste artigo é a nova tecnologia que traz uma nova forma de ler diferente do impresso. Seria o hipertexto um novo gênero textual, ou um novo suporte que comporta uma diversidade de gêneros?

Para Lévy (1993, p.24), o hipertexto é a “metáfora do conhecimento”, porque permite conexões com outros textos que por sua vez conectam com outros textos, e assim sucessivamente, formando uma rede de textos:

O objetivo de todo texto é o de provocar em seu leitor um certo estado de excitação da grande rede heterogênea de sua memória, ou então orientar a sua atenção para uma certa zona de seu mundo interior, ou ainda disparar a projeção de um espetáculo multimídia na tela de sua imaginação.

Não somente cada palavra transforma, pela ativação que propaga ao longo de certas vias, o estado de excitação da rede semântica, mas também contribui para construir ou remodelar a própria topologia da rede ou a composição de seus nós. [...] A imensa rede associativa que

constitui nosso universo mental encontra-se em metamorfose permanente. As reorganizações podem ser temporárias e superficiais quando, por exemplo, desviamos momentaneamente o núcleo de nossa atenção para a audição de um discurso, ou profundas e permanentes como nos casos em que dizemos que “a vida” ou “uma longa experiência” nos ensinaram alguma coisa.

Assim entendendo que essa rede de conexões se modifica a todo o momento, pois estimula outros elementos, sejam externos, na tela, ou internos, no próprio pensamento humano, seria possível dizer que uma nota de rodapé, ou até mesmo uma enunciação num diálogo entre duas ou mais pessoas são formas de hipertexto. Neste caso, de acordo com Coscarelli (2003, p.80):

O hipertexto talvez não deva ser visto como um gênero só, mas como um “formato” que vai acolher diferentes gêneros, [...] se considerarmos a existência de gêneros textuais, ou seja, a existência de textos com características diferentes uns dos outros, se considerarmos, também, que essas características costumam sofrer variações em função da situação de interlocução.

O homem, um ser que habita um universo em “metamorfose permanente”, produz saberes que se cristalizam em objetos significativos para sua própria cultura, que por sua vez afeta o próprio criador quando usa sua criação.

Com o surgimento da internet houve uma verdadeira revolução quanto ao acesso às informações, porque muitas páginas são acrescentadas à *Web* todos os dias, sobre os mais diversos assuntos. Por causa dessa nova tecnologia, têm aparecido diferentes comportamentos de leitores gerados pelos diferentes dispositivos. Mesmo percebendo a diferença em ler no papel e na tela, a geração, que nasceu depois da invenção da internet, parece não

conseguir se apropriar desta tecnologia em todas as suas possibilidades. Segundo Lévy (1993, p.8), embora haja esforço dos professores:

O resultado global é deveras decepcionante. Por quê? É certo que a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão. Uma verdadeira integração da informática (como do audiovisual) supõe, portanto, o abandono de um hábito antropológico mais que milenar, o que não pode ser feito em alguns anos.

Pode-se dizer que, alguns alunos, apesar de serem usuários muito frequentes da *web*, encontram dificuldades no uso da tecnologia para a leitura. É possível ter dificuldades em ler qualquer tipo de texto *on-line*, mesmo conhecendo sua diagramação no impresso e os recursos que o computador oferece. A compreensão do suporte e dos indícios visuais existentes na versão impressa, mas ausentes na *on-line*, é o aspecto diferenciador para a leitura efetiva do texto na tela.

O que é mais importante para o aluno compreender, ao usar a internet, é que ela traz as informações em rede. O conhecimento, antes dela, existia em enciclopédias e dicionários e continuará existindo. Segundo Lévy (2000, p.14), a verdadeira mutação se passa noutros aspectos.

Em primeiro lugar, não é mais o leitor que vai se deslocar diante do texto, mas é o texto que, como um caleidoscópio, vai se dobrar e desdobrar diferentemente diante de cada leitor. O segundo ponto é que tanto a escrita como a leitura vão mudar o seu papel. O próprio leitor vai participar da mensagem na medida em que ele não vai estar apenas ligado a um aspecto. O leitor passa a participar da própria redação do texto à medida que ele não está mais na posição passiva diante de um texto estático, uma vez que ele tem diante de si não uma mensagem

estática, mas um potencial de mensagem. Dessa forma, o espaço cibernético introduz a idéia de que toda leitura é uma escrita em potencial. O terceiro ponto que, sem dúvida é o fato de estarmos assistindo a uma desterritorialização dos textos, das mensagens, enfim, de tudo o que é documento: tanto o texto como a mensagem se tornam uma matéria. Assim como se diz “tem areia” “tem água” se diz “tem textos”, “tem mensagens”, pois eles se tornam matérias como se fossem fluxos justamente porque o suporte deles não é fixo, porque no seio do espaço cibernético qualquer elemento tem a possibilidade de interação com qualquer outro elemento presente.

Conforme o ponto de vista de Lévy (2000), é como se todos os textos fizessem parte de um único texto, um hipertexto, que também faz o papel de um autor coletivo e que está em constante transformação. O termo *desterritorialização* usado por Lévy é carregado por um conteúdo histórico em relação à leitura e à escrita. Vários foram os tipos de relação com o saber que a humanidade desenvolveu. Antes da escrita, o homem encarnava o próprio saber, como o pajé de uma tribo. Com o surgimento da escrita alfabética, quem continha o saber era o livro e, com o advento da imprensa, quem armazenava o conhecimento não era mais o livro, mas a biblioteca. Lévy (2000, p.18) sugere que, com o evento da informação em rede, estamos vivendo a desterritorialização da biblioteca.

É como se estivéssemos voltando às origens, em que o portador do saber era a comunidade viva, claro que de uma forma muito mais ampliada e diferenciada. Atualmente, o hipertexto não consegue conter a velocidade com que circula a informação. Como a informação é fluxo, é como se o coletivo novamente fosse portador do conhecimento.

De uma forma ou de outra, todos comparam o mundo da leitura virtual com as referências que têm do mundo gráfico impresso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste contexto teórico é que nos apoiaremos para concluir a proposta inicial deste artigo. Convencidos de que o sujeito e a cultura estão em constante mudança e transformação por influências mútuas, os conceitos de leitor e autor pensados como opostos se diluem e se misturam com a influência da nova tecnologia.

Jolibert (1994) e seus colaboradores realizaram um projeto para demonstrar que a estratégia para a leitura é utilizada de forma inconsciente pelo leitor. Ao entrarmos em contato com informações visuais conectadas às informações não-visuais, apropriadas por nós ao longo do tempo, compreendemos o que lemos à medida que necessitamos aprender ou resolver dúvidas. As necessidades são geradas a partir das relações sociais entre os indivíduos. Para que a compreensão aconteça, o leitor deve se fazer perguntas e ter respostas destas como condições necessárias para o entendimento, independentemente do tipo de texto e de suporte que tenha contato. Nesta perspectiva, não formamos o leitor pronto no final da escolaridade exigida, mas um leitor com uma atividade cognitiva complexa, capaz de se posicionar de forma ativa diante de um novo texto, pois, como constatamos as tecnologias da escrita também sofrem mudanças; portanto, a formação do leitor é permanente. É com a necessidade de responder perguntas durante a leitura que se estabelece uma relação dialógica com o outro, o autor.

No mundo virtual isso não é diferente. Mas, a ideia de que o hipertexto dilui fronteiras rígidas entre autor e leitor está contida no fato de que o texto eletrônico pede ao leitor uma colaboração particular, tornando o leitor também um autor. Neste tipo de texto e de suporte, os leitores fazem escolhas durante a leitura que não podem ser controladas pelo autor do texto. Simultaneamente, o leitor acaba fazendo os dois papéis, o de leitor e o de autor porque percorre *links* e estrutura de maneira única. Seu caminho de informações não é definido pelo autor do hipertexto, mesmo porque não se pode falar em autor de hipertexto, mas em autores. A

própria estrutura do hipertexto exige essa conduta. Diferentemente dos livros que determinam, ou pelo menos apontam um caminho estável e linear de leitura, os hipertextos não fazem desse modo, porque sua estrutura força movimentos do leitor que escolhe caminhos oferecidos.

A maneira como a informação se organiza em uma rede complexa possibilita uma leitura não linear, como também um percurso difícil de ser previsto e controlado pelo próprio leitor. Desse modo, a hierarquia de conceitos que é característica do material impresso cai por terra. No entanto, mesmo assim os leitores podem percorrer caminhos motivados por necessidades pessoais e por isso de forma organizada pelo menos para um indivíduo em particular, mas não sequencial como sugerem os livros.

O conceito de autoria está ligado à produção de um texto que pode ser analisado em sua estrutura e conteúdo porque é limitado no tempo e no espaço. Quando o texto é colocado em rede ele se interliga com outros textos. Um texto que foi produzido por um autor específico e que tinha conteúdo e espaço limitado passa a fazer parte de um grande texto supostamente ilimitado.

Com essa nova tecnologia diríamos que, ao ler pela internet, o leitor se constitui autor quando domina o processo discursivo, encontrando sentido no caminho que escolheu percorrer, quando esse texto, criado por ele, apresenta elementos temáticos coesivos de construção em busca de coerência. Com as palavras de Orlandi (1988, p.80):

Essa representação do sujeito, ou melhor, essa função enunciativo-discursiva, que é a do autor, tem pólo correspondente que é o de leitor. De tal forma isso se dá que não é do ouvinte, ou do destinatário, mas do leitor que se cobra um modo de leitura. O leitor está, tal como o autor, afetado pela sua inserção social. Assim, na preocupação da leitura, o leitor entra com as condições que o caracterizam sócio-historicamente.

Dessa forma, ele terá sua identidade de leitura configurada pelo seu lugar social e é, em relação a esse lugar que se define a “sua” “leitura.

Assim, o leitor ao definir “sua leitura” também reconstrói o discurso, assumindo o papel de leitor-autor.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.
- COSCARELLI, C.V. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- EISENSTEIN, E.L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.
- FORTALEZA digital. FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 31 out. 2005. Caderno E, p.1.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins fontes, 1993.
- GOODY, J. *A domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- HERÁCLITO, E. *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- JOLIBERT, J. (Org.). *Formando crianças leitoras de texto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LÉVY, P. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. In: PELLANDA, N.M.C.; PELLANDA, E.C. (Org.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- ORLANDI, E.P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.
- VIGOTSKY, L.S. *A Construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- YAROCHEVSKY, M.G. *Leon Vygotsky: à procura de uma nova psicologia*. *Enfance*, Tomo 42, n.1-2, p. 119-125, 1989.

Recebido em 17/1/2009 e aceito para publicação em 15/7/2009